

**ECONOMIA GOMÍFERA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O SURGIMENTO DO  
MUNICÍPIO DE IPIXUNA-AM**

*Rian Augusto Monteiro de Souza<sup>1</sup>*  
*Luziane Nair Lobato dos Santos<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Neste artigo será apresentado a criação do município de Ipixuna-Am por efeito da economia gomífera, o objetivo do trabalho é descrever a História da fundação do município de Ipixuna-Am a partir da economia da borracha, será realizado uma análise bibliográfica sobre a economia da borracha e a migração dos nordestinos para a região norte do Brasil, buscar os traços da economia da borracha no município de Ipixuna, e investigar se os moradores de Ipixuna foram seringueiros descendentes de nordestinos. A metodologia usada para a realização desse trabalho, foi a utilização de uma abordagem qualitativa, análise bibliográfica e entrevistas com quatro moradores antigos de Ipixuna. Os resultados alcançados, a partir da análise bibliográfica, foi possível identificar que através da economia gomífera, o estado do Amazonas recebeu uma grande leva de imigrantes nordestinos e isso possibilitou a criação de novos seringais na região para extração da borracha, segundo as fontes orais, identificou-se que os moradores de Ipixuna em sua maioria foram seringueiros descendentes de nordestinos, porém após a sua criação os moradores deixaram de trabalhar com a borracha. Portanto, concluiu-se que a economia gomífera e a migração dos nordestinos possibilitou a criação do município de Ipixuna.

**Palavras-chaves:** Economia. Gomífera. Ipixuna. Seringal. Nordeste.

## **1. Introdução**

Ao longo da História do Brasil, foram desenvolvidas economias que impactaram na construção do país, tais como as produções, agrícolas de cana-de-açúcar e o café, e as extrativistas, como o pau-brasil, o ouro e a borracha. Essas atividades econômicas trouxeram um grande crescimento do capital dos brasileiros e, com a exceção da extração do pau-brasil, as demais atividades ainda persistem até os dias atuais.

Entre essas atividades houve uma que transformou a região Norte do país, trazendo um grande desenvolvimento para os estados dessa região, um deles foi o Amazonas, que cresceu economicamente, tornando-se um local desejado por migrantes que sonhavam ter uma vida melhor, sair de sua condição de pobreza e alcançar a riqueza. Essa economia ficou conhecida como economia gomífera ou economia da borracha.

---

<sup>1</sup> Graduando no curso de licenciatura em História mediado por tecnologia. Núcleo de Ensino Superior de Ipixuna-Am, Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: lukk5664@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em história social pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. E-mail: luziane.historia@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Além desse crescimento econômico causado pela borracha, também houve o crescimento populacional. Por conta dessa economia, foram surgindo comunidades com o nome de seringal, para a extração da borracha, e com o passar do tempo esses seringais espalhados pelo Amazonas vieram se tornar municípios. Dessa forma, os municípios da região em sua maioria fazem parte do desenvolvimento gerado pela economia da borracha.

Assim sendo, os municípios existentes no estado do Amazonas, têm a sua história ligada a essa economia. Nesse sentido, será apresentada neste trabalho a história da criação do município de Ipixuna-Am por decorrência da economia gomífera, tendo como objetivo geral descrever a história da sua criação a partir da economia da borracha.

Essa linhagem de pesquisa surgiu a partir da disciplina, História da Amazônia II, do curso de ensino superior em História, onde foi abordado sobre a economia gomífera e as transformações que ela causou no Amazonas. Essa temática trouxe uma certa familiaridade, pois encaixou com a realidade, já que no município havia muitos habitantes que trabalharam com a borracha, muitos deles aposentados como soldados da borracha. Com isso, surgiu a inspiração de trabalhar a história do município de Ipixuna, relacionando-a com a economia da borracha.

Para alcançar esse objetivo, será feito uma pesquisa qualitativa, por meio de fontes bibliográficas e orais que serão coletadas através de entrevistas realizadas no município de Ipixuna-Am, com quatro moradores antigos desse município, na qual será realizado, uma análise bibliográfica, sobre a economia da borracha e a imigração nordestina para a região norte do Brasil, como também, buscar os traços da economia da borracha no município de Ipixuna, e investigar se os moradores de Ipixuna foram seringueiros descendente de nordestinos.

Como resultado, pretende-se revisitar a história do município de Ipixuna-Am, que será contada pela voz dos moradores, tendo como pauta a economia da borracha, a migração dos nordestinos e a criação dos seringais. O trabalho está dividido em duas partes, sendo que na primeira será apresentado a análise bibliográfica, e o segundo tópico será discutido as entrevistas com os moradores, onde constituirá a história do município a partir dessas entrevistas, sendo essa parte dividida em dois subtópicos contendo a história do município e a de seus moradores.

## **2. Amazonas e a economia gomífera: Uma esperança para os nordestinos**

A economia gomífera, que girava em torno da extração do látex, matéria-prima da borracha, foi a que incentivou o crescimento do estado do Amazonas. Em decorrência dessa economia, foram criados os diversos municípios que existem nesse estado, pois com o surgimento da demanda desse produto e a possibilidade de enriquecer com a extração do látex, diversos trabalhadores foram atraídos para essa região.

Essa economia iniciou em meados do século XIX, a borracha se tornou um produto valioso e muito requisitado, sua demanda cresceu consideravelmente, tornando-se uma fonte para o acúmulo do capital. Esse produto era bastante requisitado para o uso das novas tecnologias da época, porém, sua comercialização em grande escala tornava-se dificultosa por conta do processo de fabricação e falta de mão-de-obra.

A borracha alavancou a economia do Brasil, pois era muito procurada pelo mercado internacional. Como é destacado por Pinheiro (2007), além de ser um material bastante utilizado nas indústrias internacionais, sua comercialização foi beneficiada pelo aumento dos impostos, no entanto, um problema a ser enfrentado era a falta de trabalhadores para a extração do látex, matéria-prima da borracha.

Conforme exposto acima, o mercado estava à procura de fornecedores desse produto, e o Brasil se destacou por ter uma grande reserva da matéria-prima da borracha, extraída de uma árvore chamada de “*hevea brasiliensis*”. Encontrada no Amazonas, região norte do Brasil, contudo, pelo fato dessa região ser bastante vasta e conter uma floresta bastante densa, a extração do látex tornava-se algo desafiador.

Ciente das dificuldades, o governo brasileiro começa a tomar medidas para sanar um obstáculo que impedia o crescimento da produção. A procura pelo produto era grande e o preço elevado, já que, os impostos favoreciam a venda, garantindo um lucro maior, porém a quantidade de trabalhadores na região amazônica era baixa, impedindo a expansão da produção, dessa forma o governo começou a incentivar que brasileiros de outras regiões se deslocassem para o Amazonas.

O governo atuou no intuito de suprir a mão-de-obra para a extração do látex, em dois períodos do ápice da economia gomífera. O primeiro período iniciou em meados do século XIX, com o surgimento da procura internacional pela borracha, o segundo partiu do ano de 1942 com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Em ambos os períodos, o

governo incentivou a migração para a região amazônica, e o principal imigrante era a população nordestina.

No primeiro período da economia gomífera, “para a resolução dos problemas, os governos locais, associados a empreendimentos privados, passaram a fomentar a imigração de populações nordestinas (em especial de cearenses) assoladas pela grande seca de 1877/78, a maior do século” (PINHEIRO, 2007, p. 3). Com essa fomentação que auxiliava no processo migratório, a força de trabalho aumentou consideravelmente, beneficiando a comercialização da borracha.

A população do Nordeste foi a que mais se deslocou para o Amazonas, aumentando de forma considerável a força de trabalho e o contingente populacional do estado, “cerca de 300 a 500 mil migrantes nordestinos se dirigiram para a Amazônia entre os anos de 1860 e 1912, quando a produção da borracha atingiu seu auge” (GONÇALVES, 2005, p. 51).

Como destaca os autores Pinheiro e Gonçalves, os nordestinos foram os pioneiros na migração para o Amazonas, e esse deslocamento era motivado pelas dificuldades de sobrevivência encontradas no Nordeste, como a extrema falta de alimento ocasionada pela seca o nordestino não via outra opção a não ser migrar para outra região do país.

Já no segundo período de alta concentração de imigrações para a região amazônica, ocorreu na segunda fase da economia gomífera, quando o Brasil se encarregou de exportar grandes quantidades da matéria-prima da borracha para os Estados Unidos. Dessa forma, o governo brasileiro iniciou campanhas visando incentivar trabalhadores a irem para o Amazonas para ingressarem no que foi chamado de “batalha da borracha”.

Os trabalhadores engajados nessa campanha – os soldados da borracha – tiveram seus direitos e obrigações selados por meio de um contrato que se dividia em duas partes. Na primeira, o Estado se responsabilizava por seu encaminhamento até os seringais em determinadas condições; na segunda, o dono do seringal se comprometia a cumprir uma série de outras condições. (SECRETO, 2007, p. 8)

Como descreve Secreto, os trabalhadores que ingressavam para a Amazônia para extrair a matéria-prima da borracha eram denominados de soldados da borracha. Seu deslocamento em direção aos seringais, uma extensão de terra com um aglomerado de seringueiras pertencente a um dono, era garantido pelo Estado. Ao chegar, o dono do seringal, que era chamado de seringalista, se encarregava de dar condições para trabalhadores extraírem o látex das seringueiras.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

O governo criou órgãos para aumentar o desenvolvimento da economia gomífera e para auxiliar aqueles que iriam migrar para a região norte, tais como, Banco de Crédito da Borracha (BCN) encarregado de financiar a produção da borracha; Departamento Nacional de Imigração (DNI) encarregado de encaminhar trabalhadores para a região Norte; Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônia (SAVA) responsável pelo abastecimento alimentício; e o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) que iria recrutar e encaminhar trabalhadores para os Seringais.

E para que houvesse um aumento do número de candidatos que se disponibilizassem a ir para o Amazonas, o governo criou propagandas para demonstrar como seria a realidade do trabalho nos seringais. “Dizia-se nas propagandas, tanto em jornais como em pinturas feitas nos muros de cidades nordestinas, que a seringueira dava bastantes frutos, do tamanho de uma "bola", e o trabalho do seringueiro seria apenas o de colher tais frutos”. (NASCIMENTO, 1998, p. 22)

Conforme é destacado por Nascimento, as propagandas evidenciavam uma certa facilidade no trabalho da extração do látex, demonstrando-o como uma atividade que não demandava muito esforço. Essa foi uma estratégia do governo para chamar a atenção dos nordestinos, mostrando uma certa facilidade no trabalho e criando uma ilusão com a possibilidade de ficar rico facilmente.

Com a imagem de um lugar onde não haveria seca ou fome, onde era fácil acumular riquezas, o nordestino sai de sua terra natal em direção aos seringais da Amazônia, com a esperança de alcançar melhores condições de vida. No entanto, ao chegar, se deparava com uma realidade completamente diferente, das pinturas que expressavam facilidade e riqueza.

[...] dificuldades de transporte e alojamento, que somadas às enormes distâncias existentes entre as cidades e os seringais, as adversidades— feras selvagens, doenças tropicais, conflitos com os indígenas — e a exigência dos seringalistas quanto aos resultados de produção e conseqüentemente do auferimento de lucros, resultava num quadro perverso em que os seringueiros podem ser qualificados como vivendo em regime de escravidão. (SILVA, et al, 2010, p. 75)

De acordo com os autores supra citados, o trabalho nos seringais é descrito como um regime de escravidão, e essa era a realidade que o nordestino encontrava ao chegar à Amazônia. Adentravam a floresta para cortar as seringueiras, longe das cidades, correndo perigo, pois não conheciam o ambiente, que estava rodeado por feras selvagens e doenças tropicais. Além disso, a sua produção não dava para pagar o seu sustento, já que os juros de suas dívidas eram altos.

Quando o nordestino chegava ao seringal, era enquadrado em um sistema de dívidas severo, pois chegava de mãos abanando, sem um material para trabalhar, sem alimento, sem moradia, e o dono do seringal fornecia todos esses materiais como um adiantamento do salário. Dessa forma, o nordestino já começava a trabalhar devendo ao dono do seringal, e tudo que ele conseguia produzir era descontado.

Nesse sentido, o trabalhador se encontrava em um sistema que o obrigava a trabalhar, pois se ele não o fizesse seria impossível conseguir o seu sustento, já que o mesmo não conhecia a região, tornando-se difícil conseguir outra maneira de obter o alimento a não ser o que era fornecido pelo dono do seringal. E assim, o trabalhador estaria preso em um serviço que não lhe rendia lucro algum, seu rendimento dava apenas para pagar suas dívidas. Esse sistema de trabalho ficou conhecido como Aviamento.

Aviar, na Amazônia, significa fornecer mercadorias a créditos. O “aviador” de nível mais baixo fornecia ao extrator certas quantidades de bens de consumo e alguns instrumentos de trabalho, eventualmente pequenas quantidades de dinheiro, em pagamento, recebia a produção extrativa. Os preços dos bens eram fixados pelo “aviador”, o qual acrescentava ao valor das utilidades fornecidas “juros”, [...]. Esse “esse aviador” por seu turno, era “aviado” por outro e também pagava “juros extras”. No cume da cadeia estavam as firmas exportadoras, principais beneficiadas. (SANTOS, 1980 p. 159)

O autor Santos destaca essa organização de trabalho por endividamento dos seringais como um sistema de aviamento, na qual funcionava como uma cadeia de exploração de “juros extras”. O seringalista cobrava juros para o seringueiro dos produtos que lhe eram entregues, enquanto a casa aviadora cobrava juros dos seringalistas e a casa de exportação fazia o mesmo com a casa aviadora.

Esse era o sistema de exploração a que os nordestinos eram submissos. Além desses problemas gerados por dívidas, sua jornada de trabalho era bastante desgastante. Seu deslocamento de uma seringueira para outra era demorado, já que uma árvore não nascia perto da outra, e era preciso cortá-las para obter a matéria-prima da borracha. Esse processo durava o dia todo.

O trabalho do cortador de seringa se estendia pelo dia inteiro, iniciava antes da saída do sol. “Da madrugada até a metade do dia, realiza duas viagens na estrada de seringa. A primeira para o corte de madeira e instalação da tigelinha e a segunda para recolhê-la com o látex. A

segunda metade do dia passa ao lado do buião<sup>3</sup>, defumando o látex. (CHEROBIM, 1983, p. 103)

O autor acima descreve o trabalho dos seringueiros na produção da matéria-prima da borracha, destaca que a produção da borracha passa por dois procedimentos. Primeiro, o seringueiro corta a árvore para extrair um líquido branco, para isso é necessário um tipo específico de corte que não seja fundo demais e não ocasione a morte da árvore, o suficiente para escorrer o líquido, que cairá em uma tigela.

Em seguida, o líquido, chamado de leite da seringueira, irá passar por um processo de defumação para poder ser vendido. Após ser defumado, o leite da seringueira toma a forma de borracha, e essa borracha era levada para ser comercializada no barracão do seringal, local onde o seringueiro vendia para o dono do seringal, para receber em troca alimentos, materiais para trabalho, faca, espingarda, etc. Sendo assim, o seringueiro conseguia o seu sustento, através dessa rotina de trabalho no seringal.

Todo esse processo de produção resultava apenas em lucro para o dono do seringal e a casa de exportação, e a base, que era o trabalhador do seringal, não recebia lucro nenhum. Dessa forma, o nordestino que saía de sua terra natal em busca de melhores condições de vida acabava sendo explorado e muitas vezes morrendo nas florestas. Porém, devido à sua instalação no Amazonas, houve o surgimento de novos seringais. Esses seringais futuramente se tornaram municípios que foram construídos pela mão-de-obra dos nordestinos e os mesmos contribuíram para o crescimento populacional do Amazonas.

O vazio demográfico desta região seria rompido na época do período da borracha, quando imigrantes nordestinos povoaram e se expandiram pelo Juruá, graças ao volume denso de hevea brasilienses, ou seja, a seringueira da Amazônia. Neste período foram criados os primeiros seringais que, no decorrer dos anos, se transformaram em vilas e municípios. [...] Os primeiros migrantes nordestinos que chegaram em Guajará-AM, vieram incentivados pela exploração do látex. (ARAÚJO, ARAÚJO, 2008, p. 2)

Os autores descrevem que o vale Juruá, localizado na região do Baixo Amazonas, foi ocupado pela população nordestina no período da borracha. Devido a essa ocupação, houve o

---

<sup>3</sup> De acordo com o autor Cherobim no rodapé de sua obra, buião é uma espécie de forno, de forma arredondada, fechado nos lados e aberto na parte superior. Empregando "cavacos" de madeira resinosa, como babaçu (*Orbygnia martiana*), massaranduba (*Mimosops Sp*), uricuri (*Cocos coronata*), outras, para provocar fumaça necessária e apropriada à coagulação, acende-se fogo no seu interior.

surgimento de novos seringais na região. Esses seringais, com o passar do tempo, receberam o nome de municípios, como é o caso do município de Guajará-Am, que o autor destaca.

Isso prova que boa parte dos municípios da região amazônica foram construídos em efeito da economia gomífera, aliado à força de trabalho dos nordestinos. E, mediante uma pesquisa de campo desenvolvida no município de Ipixuna-Am, com a utilização de fontes orais e escritas, será abordada a história da criação do município de Ipixuna por consequência da economia gomífera.

### **3. A história de um povo sonhador: Um município construído pela mão dos seringueiros**

Desde o início da história do Brasil, a região do Amazonas foi aquela mais distante e com vasto território e pouco povoamento. Porém, no final do século XIX a população dessa região começou a crescer, Manaus recebeu muitos imigrantes nordestinos para trabalhar na economia da borracha.

Desse modo, a população da região do Amazonas começou a aumentar, imigrantes começaram a adentrar na floresta em busca de riquezas. Esses aventureiros foram os responsáveis pelo desenvolvimento de seringais na região. Como destaca Severo (2022, p. 24) “muitos pioneiros foram enviados para os ‘sertões amazônicos’ e passaram a ocupar as tropas de vanguarda, cuja finalidade consistia em desbravar a selva para o surgimento de novos seringalistas”.

Como é destacado pela autora, o “sertão amazônico” começou a ser desbravado por essas tropas, para o surgimento de novos seringais. É perceptível que a exploração da floresta em busca da seringueira foi o fator que ocasionou o crescimento populacional do Amazonas.

Dessa forma, a economia gomífera, além de ter desenvolvido economicamente a capital do estado, também trouxe um grande número de pessoas para a capital e os seringais da região. Por isso, pode-se afirmar que essa economia transformou o Estado do Amazonas, já que ocasionou o crescimento financeiro e populacional.

Esse crescimento causado pela economia do látex gerou novas comunidades espalhadas pelo Amazonas, diversas comunidades ribeirinhas que trabalhavam com a borracha. E essas comunidades na beira dos rios, conhecidas como seringais, eram os frutos do incentivo do governo para a produção e comercialização da borracha.

Esses seringais, com o passar do tempo, vieram a se tornar municípios. Nesse sentido, percebe-se que o aumento da população e dos seringais na região Norte foi o fator que ocasionou o surgimento de novos municípios na região, tudo por consequência da economia gomífera. E o município de Ipixuna-Am, que está localizado na região sudoeste do Amazonas, na microrregião do Juruá, também pertence a essa história.

### **3.1 Início do município de Ipixuna**

A história desse município inicia em um seringal chamado Monte Lígia. Que, segundo Sr. Nemézio. “Lá, trabalhava, mais de cinquenta seringueiros, na borracha, tinha as quinzenas, as quinzenas que nós chamávamos, trabalhava a semana, e domingo levava borracha para vender, no barracão, comprar o mantimento”. Seu Nemézio, descendente de nordestino, que além de ter sido um seringalista, também foi quem escreveu a Ata de Ipixuna, e ao entrevistá-lo contou um pouco sobre a criação do município.

Ele destaca que o município foi criado em Monte Lígia, um seringal a beira do rio Juruá, e seus habitantes trabalhavam com a borracha para conseguir o seu sustento, trabalhavam a semana cortando e defumando o leite da seringueira, e no domingo levavam a borracha para o barracão para entregar para o patrão. Nesse seringal, onde havia mais de cinquenta seringueiros, foi onde iniciou a história de Ipixuna.

Foi criado Ipixuna, lá na comunidade Monte Lígia, no dia 18 de fevereiro de 1956, às 15 horas, veio o Juiz, de Eirunepé, para empossar o prefeito, o prefeito nomeado, que é o doutor Varcy. Veio o juiz acompanhado do delegado Pinheiro Costa e da segurança do juiz, dois soldados. Às três horas, foi realizada a sessão<sup>4</sup>.

Conforme destaca acima, o município foi criado em 18 de fevereiro de 1956, o primeiro prefeito de Ipixuna, nomeado nesse mesmo dia, foi Varcy Herculano, formado em odontologia, e filho de José Herculano, o dono do território denominado Monte Lígia. De acordo com seu Nemézio, o município foi criado no Monte Lígia, porém sua instalação não ocorreu nesse local.

Segundo o seu <sup>5</sup>Antônio Ivanildo, morador de Ipixuna, que nasceu em Monte Lígia, seringueiro e descendente de cearense, destaca que o dono do seringal Monte Lígia, que também era pai do Varcy Herculano, não permitiu que fosse instalado a sede do município em seu

---

<sup>4</sup> Nemézio Duque de Oliveira, 90 anos. Entrevista efetuada em 04 de julho de 2024.

<sup>5</sup> Antônio Ivanildo Saraiva, 61 anos. Entrevista efetuada em 12 de julho de 2024.

seringal, já que isso resultaria em perda de seu território. Portanto, foi necessário buscar outro local para construir o município.

Dessa forma, o prefeito nomeado saiu à procura de uma melhor localização geográfica, pois segundo o sr. <sup>6</sup>José Correia Moura, um morador de Ipixuna com 92 anos, e que também foi seringueiro, ele argumenta que o prefeito procurou um local que ficasse próximo de Cruzeiro do Sul-Ac, pois era onde seria possível comprar mercadoria para abastecer o município de Ipixuna.

Ciente que era necessário estar próximo de um município que pudesse fornecer assistência, o prefeito navegou o rio Juruá até chegar no local chamado Porto Rico, de acordo com seu Nemézio, no dia 25 de março de 1956, a bordo de um barco estava ele sr. Nemézio, o prefeito Vacy Herculano e <sup>7</sup>Juraci Maciel, entraram no território de Porto Rico juntamente com o dono do local que se chamava José de Lemos, pelo igarapé do turrufão, que hoje é conhecido como bairro do turrufão, e no dia 26 de março, iniciaram a limpeza do terreno.

Vale destacar que, a partir do território de Monte Lígia até próximo da fronteira do Acre onde fica o município de Cruzeiro do Sul é o espaço em que o prefeito Varcy Herculano, percorreu em busca de um local para a instalação da sede do município de Ipixuna, não era um espaço vazio sem habitantes, pois havia pequenos seringais, e tribos indígenas nessa região.

Desse modo, o local escolhido para a construção da sede de Ipixuna, chamado até aquele momento Porto Rico, já possuía habitantes, no caso os familiares de José de Lemos, esses habitantes utilizavam essas terras para sobreviver, cortando seringa, praticando a agricultura, a caça e a pesca, mas, com a construção do município não seria mais possível realizar essas atividades, já que a área seria desmatada e as seringueiras seriam derrubadas para iniciar a construção.

Esse é um exemplo do que acontecia com os povos indígenas, quando os não indígenas adentravam a floresta para explorá-las, já que o governo brasileiro, criou o argumento de que o Amazonas era um vazio demográfico, e começou a incentivar as migrações para o Amazonas, com a intenção de obter mais mão de obra para trabalhar com a borracha.

Ao longo da história, o Amazonas foi considerado um grande “vazio demográfico”, um território imenso, mas pouco povoado, esse seria um dos motivos pela dificuldade em torná-lo próspero. Em outras palavras, nos planos que foram elaborados para recuperar a Amazônia economicamente, fica claro

---

<sup>6</sup> José Correia Moura, 92. Entrevista efetuada em 23 de julho de 2024.

<sup>7</sup> Conforme os relatos de Sr. Nemézio, o Sr. Juraci Marciel estava acompanhando-os na viagem.

como o Estado tinha a visão de que era preciso ocupar a região para melhor aproveitar os seus recursos. (BRITO, 2022, p. 12)

Foi construída essa ideia, de “vazio demográfico” e foi desconsiderado totalmente os povos originários que habitavam a região, diversas tribos indígenas que perderam muitas vezes suas terras para a ocupação dos não indígenas. Esse processo também faz parte da história do município de Ipixuna, já que esse município é fruto da ocupação e migração dos nordestinos, e após a sua construção, o povo que habitaria esse município seriam aqueles com raízes nordestinas e indígenas.

### **3.2 Os habitantes do município de Ipixuna**

Após desmatar o território e iniciar a construção do município de Ipixuna, o então prefeito nomeado Vacy Herculano enfrentou outra dificuldade: trazer habitantes para o município, já que a maioria das pessoas que habitavam os seringais da região não queriam deixar suas moradias. Segundo a sra. <sup>8</sup>Francisca, moradora de Ipixuna, uma mulher que foi seringueira, trabalhou com a borracha para ajudar a criar seus irmãos. Ela conta que, “não tinha nem vontade de vir para cá, preferia ficar lá para trabalhar com a seringa, né? Mas com o tempo, aí o pessoal acabou”.

Conforme a senhora Francisca, estar no seringal para trabalhar com a seringa era mais proveitoso, pois assim ela garantia o sustento de sua família, ela destaca que seu dia a dia de seringueira iniciava às 5 horas da manhã, quando ela saía para cortar seringa, e no meio-dia parava a beira da estrada para comer, bem avexado, para voltar e colher o leite da seringueira, e ao findar a tarde, voltava para casa com um balde cheio de leite coalhado da seringueira, ao chegar ela iniciava o processo de defumação da borracha.

A jornada de trabalho de dona Francisca, era exaustiva e perigosa, pois ela passava o dia na floresta e no início da noite começava a defumar a borracha, e nessas viagens ela descreve que muitas vezes se “livrava da boca da onça”, pois quando ela voltava pela estrada encontrava o rastro das pegadas da onça, mas, mesmo passando por esses perigos ela destaca que gostava muito da sua rotina, de estar na floresta caminhando a procura de seringueiras, e quando ela achava aquelas seringueiras que davam bastante leite, em suas palavras ela diz “mais eu achava muito bom” .

---

<sup>8</sup> Francisca Isaias Santana, 86 anos. Entrevista efetuada em 21 de junho de 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Fica, no entanto, a impressão de que o mundo dos seringais, a cultura do barracão, deixam uma enorme saudade e um grande vazio na vida destas pessoas. Encontramos vários relatos capazes de nos fazer supor que as resistências ao futuro transformador serão muito grandes. O tom preponderante é melancólico e preocupado. A população está vendo seus costumes tradicionais se chocarem com a realidade que lhes vem sendo imposta pelas políticas oficiais de modernização da região. (DOS SANTOS, 2000, p. 86)

Como descreve Santos, o mundo dos seringais, e a cultura do barracão, era a realidade dos seringueiros, aquela vida na floresta, trabalhar com a borracha, fazia parte dos seus costumes tradicionais, e muitos se apegavam a esses costumes, de certa forma que não querem deixá-lo pela ideia de modernização, ou de um local novo para morar, onde a vida seria diferente.

Esse é o caso da senhora Francisca, que não queria sair do seu seringal, pois isso implicaria em deixar seu meio de vida, seu trabalho com a borracha, sua rotina no seringal, isso ela não queria deixar, porém, o declínio do comércio da borracha, forçou a saída do seringal para procurar outro meio de sustento, não apenas essa seringueira como também os demais, tiveram que sair dos seringais e ir para os municípios.

As cidades que surgiram deste boom econômico tiveram seu crescimento estagnado, forçando as pessoas a migrarem para as cidades mais próximas, e foi o que aconteceu com Remate de Males. Quase que deserta, muitos de seus moradores migraram para o então seringal Cametá, onde ajudaram a formar um povoado que hoje é o município de Atalaia do Norte, ou foram para onde é hoje o município de Benjamin Constant. (COELHO FILHO, DE SOUZA BAIMA, DA SILVA PONTES, 2017, p. 57)

Conforme é destacado acima, as cidades que cresceram tendo a borracha como a sua economia principal ficaram sem habitantes, já que a borracha havia perdido seu valor, e já não era possível viver com esse comércio, e seus habitantes migraram para outros locais para buscar um novo meio de vida. Isso aconteceu com as cidades e os diversos seringais que tinham a borracha como sua economia, e os moradores migraram para outros locais e formaram municípios existentes atualmente.

Dessa maneira, o então recém-criado município de Ipixuna foi povoado por esses seringueiros, que saíram dos seringais, já que, não havia mais como sobreviver estando neles, e foram buscar uma nova vida na cidade, ao chegar, iniciava uma vida diferente de sua antiga realidade, deixava de trabalhar com a borracha para adentrar no ramo da agricultura, como foi

o caso de dona Francisca que ao chegar em Ipixuna foi trabalhar nos sítios, como raspadora de mandioca.

Foi questionado para os quatro moradores que participaram das entrevistas para a realização desse trabalho se, com a criação do município, os moradores que nele já habitavam ainda trabalhavam com a borracha, se nele havia o barracão para venda da borracha dos seringueiros, e a resposta foi não, após a criação do município, segundo os moradores, sua economia estaria baseada na agricultura, os seringueiros que iam para o município estariam deixando a extração da borracha para trás.

Sendo assim, é possível destacar que o povo que iniciou a história de Ipixuna era um povo proveniente dos seringais, em sua boa parte descendente de nordestinos. Segundo seu Nemézio, o prefeito Varcy Herculano trouxe os primeiros moradores de Monte Lígia, esses moradores juntamente com os demais que vieram não apenas do Monte Lígia, mais também dos demais seringais da região, iniciaram a história do município, esses moradores que trouxeram para o município, seus costumes, suas raízes da cultura dos seringais, da cultura nordestina e indígena.

Essas raízes estão presentes na vida dos habitantes do município, os traços dessa cultura estão na linguagem, nos festivais, na culinária. Ipixuna é o fruto das migrações nordestinas, das relações dos indígenas com esses imigrantes, e fruto de uma economia que cresceu significativamente o estado do Amazona, porém, beneficiou apenas aqueles que estavam no topo da pirâmide, a base que era o seringueiro nordestino sonhador que buscava uma vida melhor, foi explorado, trabalhando para benefício de outro e recebendo migalhas para continuar vivo.

A história desses nordestinos sonhadores faz parte da vida do ipixunense, seus antepassados que vieram para essa região em busca de uma vida melhor, possibilitaram a construção do município. As raízes nordestinas, seringueiras e indígenas, que foram alimentadas pelos nutrientes da economia do látex, fizeram crescer o município de Ipixuna até o que é hoje.

Sendo assim, este trabalho relata que o município de Ipixuna, nasce através do fruto da seringueira, sua história está atrelada a essa economia, pois através da extração do látex, foi possível a criação desse município, sua população carrega o legado dos nordestinos que migraram para trabalhar com a borracha. Por fim, é possível descrever que a economia gomífera e a migração dos nordestinos contribuíram significativamente para a criação de Ipixuna-Am.

#### **4. Considerações finais**

Esse trabalho de pesquisa iniciou-se com a ideia de construir a história de Ipixuna-Am a partir da temática de pesquisa relacionada com a economia gomífera, alinhando sua criação com o desenvolvimento da economia gomífera na região Norte do Brasil. Durante a realização desse projeto, houve dificuldade, como a de encontrar fontes que pudessem auxiliar na construção da história do município, já que o mesmo não possui nenhum acervo relacionado à sua criação.

Mesmo mediante a essa dificuldade, foi possível desenvolver a história da criação do município de Ipixuna-Am por efeito da economia gomífera. Assim sendo, a pesquisa teve como objetivo geral descrever a história da fundação de Ipixuna-Am a partir da economia da borracha. É possível destacar que o objetivo geral foi alcançado, já que este trabalho conseguiu demonstrar que Ipixuna nasceu a partir da economia da borracha e seus habitantes fizeram parte da história dessa economia.

Os objetivos específicos foram granjeados, pois através das análises bibliográficas e dos resultados das entrevistas foi possível descrever os motivos que trouxeram os nordestinos para a região norte do Brasil, como também demonstrar que os habitantes do município trabalharam com a borracha e em sua maior parte são descendentes de nordestinos.

Durante o trabalho, foi possível relacionar estudos bibliográficos com os dados coletados nas entrevistas, permitindo descrever que Ipixuna foi criado por seringueiros, em sua maioria nordestinos, e que sua criação foi consequência da economia da borracha. Portanto, conclui-se que a economia gomífera contribuiu para o desenvolvimento inicial do município de Ipixuna.

#### **5. Fontes**

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foram utilizadas fontes: referencial bibliográfico e pesquisa qualitativas por meio de entrevistas, realizadas no município de Ipixuna-Am.

A primeira entrevista foi efetivada no dia 21 de junho de 2024, com a senhora Francisca Isaias Santana, com 86 anos. A segunda entrevista foi realizada no dia 04 de julho de 2024 com o senhor Nemézio Duque de Oliveira, com 90 anos. A terceira entrevista foi realizada no dia 23 de julho de 2024 com o senhor José Correia Moura, com 92 anos.

## 6. Referências

- ARAÚJO, Júlio César de; ARAÚJO, Jordeanes. **Entre símbolos e vozes: o dialogismo nos contos orais no vale do Juruá**. Millenium, 2008.
- BRITO, Agda Lima. **“Eu trabalhei também”: o cotidiano das trabalhadoras nos seringais do Amazonas no Pós - Segunda Guerra – (1950 - 1970)**. 2022.
- CHEROBIM, Mauro. **TRABALHO E COMÉRCIO NOS SERINGAIS AMAZÔNICOS**. Perspectivas, São Paulo, 6:102-107, 1983.
- COELHO FILHO, Narciso Moreira; DE SOUZA BAIMA, Thiago; DA SILVA PONTES, Michele. **A economia gomífera da cidade de remate de males na configuração do território amazônico**. Revista Geopolítica Transfronteiriça, v. 1, n. 2, p. 43-59, 2017.
- DOS SANTOS, Fernando Sergio Dumas. **Ainda a" cultura do barracão" nos seringais da Amazônia**. História oral, v. 3, 2000.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, amazônias**. Editora Contexto, 2005.
- NASCIMENTO, Maria das Graças. **Migrações Nordestinas Para a Amazônia**. Revista de educação, cultura e meio ambiente. Dez, nº12, vol. II, 1998.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Nos meandros da cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920**. Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, v. 1, n. 1, 2007.
- SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia, 1800-1920**. (No Title), 1980.
- SECRETO, Maria Veronica. **Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas**. Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- SEVERO, Liliane de Oliveira. **A ficcionalização dos seringais amazônicos em Banco de Canoa—cenários de rios e seringais do Amazonas, de Álvaro Botelho Maia**. 2022.
- SILVA, Adnilson de Almeida et al. **O processo de des(re)territorialização dos trabalhadores nordestinos no território amazônico durante os ciclos da borracha**. Revista Geografar. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-82, 2010.

Recebido em 04 de novembro de 2024

Aprovado em 18 de novembro de 2024